

UM BREVE HISTÓRICO DA LEITURA: CONSIDERAÇÕES, FUNÇÕES, CONCEITOS E BENEFÍCIOS

Isabela Feitosa Lima GARCIA – UECE /FECLESC¹

isabelafeitosa@yahoo.com.br

Resumo

Muito se discute acerca do conceito de leitura, sua função e os benefícios que esta opera. Dessa forma, objetivamos traçar um percurso crítico da leitura, desde a invenção do livro até os dias atuais, mostrando as evoluções desta ao longo do tempo; considerando a maneira de ler, a forma do livro e a relação autor-texto-leitor, bem como os tipos de leitura apontados por Martins (1990). A leitura é vista como algo prático, presente no cotidiano, inerente ao homem, pois o contato com ela possibilita compreender o mundo e as palavras de modo mais amplo. Observa-se também as razões para ler, porque lemos e para quê, além de mencionar o que contribui no entendimento da mensagem do texto e o processo comunicativo realizado quando o ato de ler se concretiza, no momento em que leitor e autor interagem. Assim sendo, ao longo do nosso trabalho, são apontadas algumas questões relacionadas aos objetivos pedagógicos da leitura e competências esperadas pelo seu exercício; **a quem compete desenvolver** o apreço pelo ato de ler, como surge o gosto pela leitura e a função da escola na formação de leitores. Portanto, este trabalho objetiva fazer um breve histórico da leitura, discorrendo sobre alguns conceitos referentes a mesma, assim como seus benefícios. Como referencial teórico ao trabalho em questão, utilizamos as seguintes obras: *Uma história da leitura* (1998) de Alberto Manguel; *O que é leitura* (1990), de Maria Helena Martins; *A importância do ato de ler* (2001), de Paulo Freire e *A arte de ler* (2009), de Émile Faguet.

Palavras-chave: Leitura; Leitor; Função.

Abstract

There is debate about the concept of reading, its function and the benefits which it brings. Thus, we aim to chart a course of critical reading, from the the invention of the book to the present day, showing the evolution of this over time; considering how to read, the book form and the author-text-reader relation, as well as reading types mentioned by Martins (1990). Reading is seen as something practical, present in everyday life, inherent in humankind, because the contact with it makes possible to understand the words and the world more widely. It is also observed the reasons to read, why and what we read, besides mentioning what contributes to the understanding of the message of the text and the communicative process accomplished when the act of reading is done, at the time that author and reader interact. Therefore, over this work we point out to some questions related to the pedagogic objectives of reading and the expected competences on its exercise; who develops fondness for the act of reading; how come up the love by reading and the function of school in training of readers. This paper aims to do a brief history of reading, considering some concepts concerning to it, as well as its benefits. As theoretical work in question, we use the following works: *Uma história da leitura* (1998) by Alberto Manguel, *O que é leitura* (1990), by Maria Helena Martins; *A importância do ato de ler* (2001), by Paulo Freire and *A arte de ler* (2009), by Émile Faguet.

Keywords: Reading; Reader; Function.

¹ Graduada em Letras/Inglês pela Universidade Estadual do Ceará –UECE (2011). Pós- Graduada em Literatura e Formação do Leitor pela mesma instituição de ensino.

Introdução

Ler faz parte do homem, é seu guia, sua trajetória de vida, sua fuga, seu poder, sua sabedoria e também realização. Conforme Maria Helena Martins em *O que é Leitura* (1990, p. 11-12), leitura é “um aprendizado mais natural do que se costuma pensar, porém tão exigente e complexo como a própria vida. Fragmentado e, ao mesmo tempo, constante como nossas experiências de confronto com nós mesmos e com o mundo”. Esse processo de aquisição da leitura, normalmente inicia-se na infância com a decodificação de sinais, em que a criança aprende a habilidade de associar os sinais aos sons que representam nesse momento inicial, faz apenas interpretações superficiais. Embora a criança desenvolva essas habilidades na escola, ela já traz consigo outras leituras que fazem parte do seu conhecimento prévio, o que Paulo Freire denomina de “leitura de mundo”. Há vários modelos/categorias de leitura e vários graus de habilidade de ler. Há pessoas que leem determinados textos e não compreendem quase nada, enquanto outras conseguem perceber diversas coisas no mesmo texto.

Sobre a leitura

É sabido que a leitura possui poder de transformação. Não é algo novo, mas é revolucionária, talvez somente aqueles que desfrutam do ato de ler percebem o poder das palavras e valorizam a leitura como tal. Alberto Manguel em *Uma história da leitura* (1997), fala a respeito da relação leitor e livro em tempos e espaços distintos. Mas primeiramente, relata a sua própria experiência de leitor. Ele aprendeu a ler sozinho quando tinha quatro anos, e desde cedo descobriu o prazer da leitura. Para ele, a leitura é imprescindível ao ser humano. É a partir da leitura que se compreende que não se pode deixar de ler. Para o referido autor, ler é quase como respirar, pois tem função essencial. A leitura, tanto da palavra quanto do mundo, apodera-se de uma força de mudança que é inerente ao ser humano, portanto não é uma boa ideia viver sem ela, pois a mesma já é parte do nosso cotidiano, mundo real e também imaginário, uma vez que, com ela, o leitor ler o que acontece ao seu redor e dessa maneira começa a apreciar a vida e o que ela oferece e assim percebe que a leitura é um bem incompressível ao homem.

O autor conta como se deu sua relação com a leitura, pois segundo ele, não existe uma única história, porque cada história se confunde com a história de cada leitor. Cada leitor tem uma história diferente; por isso, um livro é uma história entre muitas possíveis. A história de quem lê se envolve com a do autor, desse modo há uma relação entre os dois. A relação do leitor e do livro é repleta de significações, cada leitor dará sentidos diferentes para um mesmo livro: “[...] é o leitor que lê o sentido; é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento uma certa legibilidade possível, ou que deve atribuir significado a um mesmo sistema de signos e depois decifrá-lo.” (Manguel, 1997, p. 19-20). Leitor e autor compartilham experiências e interagem um com o outro através do texto. Porém, essa relação de livro e leitor nem sempre foi concebida dessa forma, pois durante muito tempo o texto ou mesmo o escritor eram os elementos mais relevantes na construção do texto. **Contudo, atualmente,** cada leitor atribui significados ao texto a partir das suas vivências e ideologias.

Embora a leitura preceda a escrita, faz-se necessário aprender os signos, o sistema linguístico, os diversos sentidos de um texto, compreender a sociedade e seu sistema antes mesmo de tomar notas, escrevê-lo. Geralmente, primeiro aprende-se a ler, só depois aprende-se a escrever, e a ausência do conhecimento do ato de escrever não impede o leitor de viajar pelas leituras que fazia até então e que continua a fazer nos dias atuais, assim age um amante da palavra escrita e de seu sentido no texto. Muitos leitores habitam nos livros, as leituras são influenciadas por alguém. O escritor Jorge Luís Borges (1899-1986), por exemplo, influenciou muito Alberto Manguel (1948-), este que leu para o escritor argentino quando o mesmo havia perdido a visão e precisava de alguém para auxiliá-lo em suas leituras diárias. Foi nesse período, meados dos anos 60, ainda adolescente, que o escritor e bibliófilo argentino aprendeu que ler é um amontoado de leituras que se transformarão numa só, ou seja, cada leitura nova baseia-se no que lera e também no que vira antes.

O autor de *Uma história da leitura* (1997) discorre sobre a visão, pois segundo o mesmo, a leitura começa pelos olhos, uma vez que quando vemos um texto lembramos dele melhor do que quando o ouvimos. As letras são desse modo, apreendidas pela visão, um dos sentidos mais agudos que possuímos, é por meio dela que adquirimos mais conhecimento, como dizia santo Tomás de Aquino (AQUINO APUD MANGUEL, 1997,41). A história da leitura é a história de cada um dos leitores: a de Borges, a de Sartre, de Rachel de Queiroz,... Leitores de períodos/épocas diversos, com costumes e hábitos e histórias diferentes. Inventado no final do século XIII, por um inventor desconhecido, e com o objetivo de melhorar a visão,

os óculos proporcionaram descanso aos olhos. Sobre a invenção dos óculos Descartes afirma: “Toda a administração de nossas vidas depende dos sentidos, e, uma vez que a visão é o mais abrangente e o mais nobre deles, não há dúvida de que as invenções para aumentar seu poder estão entre as mais úteis que possa haver”. (DESCARTES apud MANGUEL, 1997, p. 328) Os óculos possibilitaram a leitura de mais livros, sua criação e uso permitiu o crescimento de leitores e também fez aumentar a produção de livros, pois quanto mais leitores, mais livros eram vendidos. Muitos associam o uso deste objeto ao intelectual, ao bibliotecário, ao erudito, indivíduos que não só apreciam a leitura, mas que leem excessivamente.

Outro sentido destacado pelo autor é a audição. Desde os primórdios da palavra escrita, era comum ler em voz alta, pois as palavras deveriam ser pronunciadas, uma vez que possuíam um som particular e também porque ler era uma habilidade oral, para Agostinho (354-430) e Cícero (106-43), oratória e pregação, respectivamente. Até meados da Idade Média, apenas uma minoria da população sabia ler, por isso as leituras públicas eram comuns. Ler em voz alta não era um ato individual, mas coletivo. A escolha do texto a ser lido tinha de ser aceito pelo leitor e seu respectivo público, agradável aos ouvidos de todos.

A leitura silenciosa, por sua vez, é vista como uma das mais importantes revoluções da leitura na visão de Luciano Amaral de Oliveira (2010), pois a partir dessa mudança o leitor passou a estabelecer uma relação mais íntima com o texto, obteve mais liberdade em suas leituras, pois o que antes era ouvido por todos que estivessem próximos, ganhou privacidade, desse modo, não incomodava ou obrigava nenhum indivíduo a ouvir o que era lido, podendo dessa maneira refletir sobre o que lia apenas em pensamentos. A autora de *O que é leitura* (1990), Maria Helena Martins fala dos sentidos ao tratar do nível de leitura denominado sensorial: “A visão, o tato, a audição, o olfato e o gosto podem ser apontados como os referências mais elementares do ato de ler”. (MARTINS, 1990, p.40) Diferentemente de Manguel, a escritora aborda os sentidos numa perspectiva mais concreta, das primeiras escolhas de leitura, o início da relação com os livros, em que se toca, cheira, olha, ou até mesmo o ato de escutar o barulho das folhas quando se viram as páginas. A concepção utilizada pelos referidos autores são válidas e tem usos recorrentes nos dias atuais quando se trata de leitura. A leitura em voz alta, por sua vez, é comum em salas de aula, como por exemplo, em escolas, cursos de línguas e em universidades; é recorrente também em teatros, julgamentos, dentre outros ambientes.

Martins (1990) aponta três níveis básicos de leitura: sensorial, emocional e racional, estes que estão inter-relacionados e ajudam o leitor a conhecer melhor o objeto lido, pois isso dependerá de suas necessidades e interesses, bem como do contexto social em que está inserido. Uma vez que, a leitura está além da decodificação do que está escrito.

O primeiro está relacionado aos sentidos: visão, tato, audição, olfato e paladar. Esse nível começa a se desenvolver a partir do nascimento, quando o indivíduo começa a se relacionar com o meio a sua volta. Podemos tomar como exemplo a criança nos seus primeiros anos de vida, em que ela toca tudo que vê, observa as imagens, as cores a seduzem, coloca objetos na boca, está atenta aos sons emitidos por seus pais quando contam histórias; encontra-se num momento de descobertas e é nesse estágio de sua existência que começa a despertar o gosto pelo que agrada seus sentidos. Assim é a leitura sensorial, não se escolhe o que é lido pelo conteúdo, mas através do que vê, toca, cheira, ouve e saboreia. A curiosidade permite a criança uma busca pelo conhecimento.

O segundo relaciona-se com os sentimentos, ou seja, não há objetividade. O leitor é envolvido por suas emoções, o que o torna vulnerável, pois o que sente muitas vezes não é controlável, por tratar-se do interior e dos prazeres despertados. A leitura emocional é prazerosa, e agita/estimula as frustrações, alegrias, aventuras, medos, paixões, lembranças... Somos dominados em muitas situações pelas emoções. Um romance, por exemplo, nos faz lembrar momentos, experiências da vida, até mesmo sonhos e fantasias, mesmo que lido superficialmente. Desse modo, somos guiados pelos sentimentos, tendemos a nos colocar no lugar dos personagens e desenvolvermos, às vezes sem intenção, uma identificação com eles, pois o que importa é o que é provocado.

O último nível trata da razão, em que o leitor passa a exigir mais do texto, pois ele já tem maturidade para tal. Maturidade essa, que foi obtida através dos dois níveis anteriores. Aqui há subjetividade, uma busca incessante pela intenção do autor, em que há questionamentos de como tal texto foi construído, o contexto, a linguagem, a forma... Nesse grau de leitura reflete-se sobre a realidade social, a sociedade num todo, o mundo, uma vez que o leitor dialoga com o texto, faz indagações, seu objetivo é explorá-lo e compreendê-lo.

Os níveis iniciais são simples, porém à medida que o leitor vai adquirindo conhecimento e interagindo com o texto, ele eleva seu nível e passa a ler não apenas o que está escrito, mas lerá também o que está nas entrelinhas e somente o leitor proficiente (aquele

que vai além da decodificação, que busca significações no texto, que infere, etc.) consegue atingir esse objetivo. A construção de sentido para se alcançar a compreensão plena da leitura se dá por dois aspectos: abrangência (conhecimento de vocabulário, semântica, gramática e estruturas sintáticas) e profundidade (significado correto das palavras dentro de um contexto, o que esta nas entrelinhas). Um leitor proficiente necessita saber fazer inferências, possuir habilidades linguísticas, ter um conhecimento de mundo abrangente, para que dessa forma possa construir um sentido para um texto, considerando sempre, (ou na maioria das vezes) o contexto social em que ele foi escrito.

Além dos sentidos e níveis, é relevante lembrar que, até boa parte da Idade Média, a falta de pontuação foi um fator relacionado ao ato de ler e, resultava na ausência de distinção entre letras maiúsculas e minúsculas; além disso, não havia a separação das palavras no texto. Assim, somente um indivíduo acostumado a ler em voz alta poderia ler sem dificuldade ou com a intenção que tivera no ato da criação. Ressaltando ainda, que atualmente lemos um texto da esquerda para a direita e de cima para baixo (Ocidente). Alguns escritos são lidos da direita para esquerda (hebreu e árabe), outros em colunas, de cima para baixo (chinês e japonês); uns em pares de colunas verticais (maia); alguns têm linhas alternadas lidas em direções opostas, de um lado para o outro, etc. A divergência na forma de ler algo varia de cultura para cultura, assim como o valor que é atribuído a mesma.

As leituras devem ser guardadas na memória, onde há segurança, e para que ninguém além de nós mesmos possa acessar/alcançar. Todavia, se não confias na tua memória, é necessário tomar notas. Vejamos o que se afirma sobre memória:

Sempre que leres um livro e encontrares frases maravilhosas que te instiguem ou deleitem teu coração, não confies apenas no poder de tua inteligência, mas força-te a aprendê-las de cor e torná-las familiares meditando sobre elas, de tal forma que ao surgir um caso urgente de aflição terás sempre o remédio pronto, como se estivesse escrito em tua mente. (AGOSTINHO apud MANGUEL, 1997, p. 81-82).

Muitas vezes lê-se textos e livros, de diversas áreas e autores, porém deles nada se destaca, apenas alguns trechos são considerados interessantes no momento da leitura e, depois simplesmente se esquece e, outras vezes se recorda do que lera quando alguém comenta algo a respeito. Todavia, muitos guardam aquilo que leem na memória e tal ato pode constituir um problema. Nossa memória às vezes falha, por isso não devemos confiar somente nela, temos que tomar notas do que poderá nos ser útil, anotar frases, passagens, seja no próprio texto ou em um caderno de anotações, ou ainda aprendê-las e não deixar cair no esquecimento o

conhecimento adquirido no ato de ler. Afinal ler não é apenas decodificar palavras, ou seja, ler somente a superfície do texto. Ler é reconstruir intimamente o que um autor quis dizer na sua mensagem, ou ainda, buscar respostas para questionamentos dentro da leitura. É, pois, a construção feita pelo leitor a partir de experiências individuais, as interpretações e os sentidos criados dentro das regras da linguagem, de nossa capacidade de decifrar e usar a linguagem em sua complexidade.

A leitura não está relacionada apenas ao texto escrito, relaciona-se também com a linguagem visual, as imagens. O autor de *Uma História da Leitura* (1997) relata como se dava a leitura de imagens, estas que eram e ainda são relevantes no texto, pois auxiliam o leitor na compreensão textual. Para aqueles que não têm o domínio da leitura do texto escrito, a imagem é ferramenta essencial para a compreensão leitora, pois se pode comparar a uma língua estrangeira, da qual não tenhamos nenhum conhecimento, se o texto possui gravuras em suas páginas, logo o leitor as interpretará, lerá. É sabido que por volta do ano 400, a contemplação de imagens era comum, geralmente se pintava cenas do Velho e Novo Testamento, assim como de santos nas paredes e tetos de igrejas e capelas para que os iletrados pudessem adorar e interpretar o que viam. Prática comum até os dias atuais, talvez não com o objetivo de orientar os que não têm o dom da escrita como há séculos atrás, mas apenas para decorar a estrutura física do templo religioso.

Além das imagens, outra característica do livro bastante observada era sua forma. “Julgo um livro por sua capa, julgo um livro por sua forma.” (MANGUEL, 1997, p.149) A forma do livro contribui no desempenho do leitor. Muitos examinam a forma tanto quanto o conteúdo, pois a textura do material, a cor, as imagens, a lombada, a fonte, a espessura, o tamanho, a capa, as ilustrações, dentre outros detalhes, são importantes na escolha do livro, tanto quanto na sua leitura. Atualmente, há livros de várias formas, tamanhos e materiais diversos, produzidos em grandes quantidades, o que não ocorria quando do seu surgimento, em que os livros consistiam em blocos de argila quadrados, chamadas tabuletas mesopotâmicas. Para construir um livro, eram necessárias várias tabuletas que eram mantidas numa bolsa ou caixa de couro. Outro material utilizado para tal é conhecido como papiro (planta perene da família das ciperáceas cujo nome científico é *Cyperus papyrus*. Suas folhas são longas e fibrosas e eram sobrepostas e trabalhadas para serem transformadas numa espécie de papel), este que podia ser transformado em rolos manuseáveis e portáteis. Além desses, houve o pergaminho, nome dado ao material feito de pele de animal, geralmente

de cabra, carneiro, cordeiro ou ovelha, preparada para nela se escrever, podiam ser cortados ou dobrados em diversos tamanhos, sendo também um material mais resistente, macio e mais barato que o papiro. O códice, (ou *codex*, da palavra em latim que significa "livro", "bloco de madeira") ou feixe de páginas encadernadas eram os manuscritos gravados em madeira, em geral do período da era antiga tardia até a Idade Média. O códice é um avanço do rolo de pergaminho, e gradativamente substituiu este último como suporte da escrita. O códex, por sua vez, foi substituído pelo livro impresso, o que usamos até os dias atuais. A invenção da imprensa se deu na Europa por volta do século XV, possibilitando o aumento da produção de livros, pois já não se necessitava mais passar horas confeccionando livros artesanais, favorecendo assim ao leitor, este que teria acesso a um maior número de títulos e exemplares. Há também nos dias de hoje, os livros digitais, em formato *PDF (Portable Document Format)* ou Formato de Documento Portátil, disponíveis na Rede Mundial de Computadores, a *Internet*. Os livros assumiram várias formas ao longo dos tempos, porém a que prevaleceu foi aquela que permitia o leitor mantê-los confortavelmente nas mãos. Com a evolução do livro, muitas pessoas aprenderam a ler, incluindo mulheres, homens e crianças, pois antes só os homens aprendiam a ler. A imprensa proporcionou um súbito aumento na produção livreira e atrelado a isso surgiram vários formatos de livro, tais como: em forma de coração, minúsculos, que cabiam numa mão de criança, volumosos como as Bíblias, mas também finos como os *in-octatos*, pois uma única folha produzia um livrete de apenas dezesseis páginas, como alguns modelos de cordel. Do século XV ao XIX usou-se o *hornbook*, geralmente o primeiro livro do estudante, pois este consistia de uma fina armação de carvalho, onde era impresso o alfabeto, números ou o padre-nosso. No século XX, a coleção *Penguin* foi criada (1935) e lançada em 30 de agosto do mesmo ano pelo editor inglês Allan Lane, este que percebeu a necessidade de livros de bolso baratos e bons e que pudessem ser vendidos em diversos locais, não apenas em livrarias e bancas.

Como mencionado, há várias formatos e modelos de livros. Portanto, escolhido a forma e o título do livro, é hora de escolher onde ler. Lemos em muitos ambientes: na sala, no quarto, na cozinha, no banheiro, na varanda, no quintal, trem, no ônibus, no carro, na faculdade, no hospital, na escola, no jardim, deitado na cama, sentado no sofá ou cadeira, de pé na rua, enquanto caminhamos, na praia ou na piscina, enfim, numa infinidade de lugares. Afinal, existem lugares específicos para determinados tipos de leitura ou qualquer cantinho serve? Há livros que exigem do leitor um nível de concentração maior e outros nem tanto, a questão então é o tipo de leitura; se é algo mais teórico, recomenda-se que leiamos num

escritório ou biblioteca, num ambiente silencioso; porém se lemos um romance ou contos somente por prazer, podemos desfrutá-los em qualquer ambiente. O escritor e pintor americano Henry Miller (1891-1980) uma vez confessou que todas as suas boas leituras eram feitas no banheiro. Já para o autor francês Marcel Proust (1871-1922), o banheiro era um lugar próprio a todas as suas ocupações que exigiam uma solidão inviolável: leitura, devaneio, lágrimas e prazer sensual. Nota-se que neste compartimento, geralmente não há interrupções da leitura, diferente de qualquer outra dependência de uma casa. Na sociedade ocidental atual, as pessoas ainda costumam ler no banheiro, principalmente revistas, jornais e livros. Afinal, se lê em todos os lugares...

Segundo Walt Whitman (1819-1892), o lugar da leitura é importante não só porque proporciona um cenário físico para o texto que está sendo lido, mas também porque sugere, ao se justapor ao lugar na página, que ambos partilham da mesma qualidade hermenêutica e tentam o leitor com o desafio da elucidação. Portanto, onde se ler e o que se lê nesse ambiente contribui para a interpretação e interação do leitor com o texto, podendo afastá-lo ou aproximá-lo mais ainda do objeto em questão. Logo, a leitura pode se dá em qualquer lugar, todavia sua recepção dependerá de onde e como esta é realizada.

Destarte, o ambiente no qual lemos influi na hermenêutica do texto. Porém, há outros elementos que são recorrentes quando tratamos da interpretação da leitura. Não podemos esquecer as metáforas da leitura, em que algumas questões da relação texto, autor, leitor e mundo são levantadas. Sobre essa relação o crítico alemão Hans Blumenberg (1920-1996) afirma: “Dizer que um autor é um leitor, ou um leitor, um autor, considerar um livro como ser humano ou um ser humano como um livro, descrever um mundo como texto ou um texto como o mundo são formas de nomear a arte do leitor”. (BLUMENBERG apud MANGUEL, 1997, p. 196) A partir do momento que um leitor ler um texto de outrem, esse texto já não pertence mais a quem o escreveu, mas aos seus leitores, pois estes farão compreensões e interpretações diversas, podendo está ou não de acordo com o que o autor quis dizer. Cada indivíduo tem uma visão diferente da sociedade, do mundo, possui realidade incomum. Por isso, um mesmo texto poderá ser lido por várias pessoas e transmitir mensagens distintas a cada uma delas. O leitor de uma obra literária, por exemplo, muitas vezes para melhor compreendê-la poderá necessitar de informações a respeito da vida do autor, tais como, período em que viveu, leituras feitas, classe social, experiências pessoais, entre outros aspectos que poderão influenciar o escritor. Mas essa não pode ser a fonte principal de

pesquisa. Atualmente, a ideia mais aceita é que os três elementos: autor, texto e leitor coexistam, ou seja, cada um tem uma devida importância para a formação do todo. Cada leitor tem um objetivo quando pratica o ato de ler, os objetivos são os mais diversos: adquirir informações; estudar para uma prova; fazer consultas, etc. Cada um tem seu modo de interagir com o texto, isso vai depender das experiências de leitura que ela/ele possui e da diversidade de textos que lê. Cada tipo de texto requer habilidades de leitura diferentes, uma vez que a maneira como lemos um jornal ou revista difere da que lemos um trabalho científico ou um texto teórico.

Não há texto sem intencionalidade, ou seja, todo autor tem a intenção de comunicar algo e todo leitor de compreender alguma mensagem, buscar algo na leitura. Por isso, vale ressaltar que ambos dependem um do outro, uma vez que um escreve determinada mensagem e o outro a recebe, interpreta, tenta compreendê-la. Logo, o texto está entre esses dois elementos, funciona como mediador da informação de quem escreve.

Em *A importância do ato de ler* (2001), Paulo Freire declara: “a leitura de mundo precede a leitura da palavra.” Para o autor, leitura está primeiramente relacionada ao mundo, a todas as experiências do indivíduo, desde as mais simples como brincar embaixo de árvores quando criança até as mais complexas, como perceber como o mundo gira e funciona ou compreender o sistema em que estamos inseridos. Ler vai muito além da decodificação da palavra escrita, uma leitura crítica requer um embasamento teórico e também um contato com as coisas e pessoas que nos rodeiam. A compreensão de uma leitura crítica demanda do leitor a percepção das relações entre o texto e o contexto. Esse contexto pode ser o ambiente em que vivemos, a escola/faculdade que frequentamos, a rua onde moramos, o trabalho que executamos, os programas de televisão que assistimos, o jornal que lemos, os professores que tivemos e os que ainda temos, os amigos com os quais conversamos, a família com a qual vivemos e aprendemos a enfrentar o mundo. Assim, quando mergulhamos no universo das palavras expandimos nossa leitura de mundo.

Irané Antunes (2003), em *Aula de português: encontro e interação*, afirma que a leitura crítica se realiza quando o leitor interpreta os aspectos ideológicos do texto, dos elementos e concepções que não estão na superfície da leitura, mas nas entre linhas. Assim, é preciso que o leitor seja consciente da ausência de neutralidade no texto, pois há sempre uma visão de mundo incutida no que está escrito e, principalmente no que não está implícito. Todo autor toma partido em relação a uma determinada ideologia, pois é através da linguagem que

somos influenciados por eles. Os tipos de livros que lemos, o interesse que é dado a eles, a intensidade e a velocidade da leitura dependem de alguns aspectos. Émile Faguet (2009), por sua vez, declara que “Ler devagar é o primeiro princípio, e se aplica a toda e qualquer leitura. É como a essência da arte de ler”. É sabido que alguns gêneros escritos exigem que leiamos devagar, como por exemplo, um livro de ideias, é para ser lido vagorosamente, para que possamos refletir sobre sua mensagem e também nos instruir ou até mesmo criticar; além deste, os livros de teoria, de crítica, um processo judiciário, dentre outros. Todavia, não se pode generalizar e ler todos os tipos de textos lentamente, pois há leituras que não requerem que assim a façamos, uma vez que nos permitem uma leitura rápida. “Alguns livros são para se experimentar, outros para serem engolidos, e alguns poucos para se mastigar e digerir”. (FRANCIS BACON apud MANGUEL, 1997, p. 199) Há, contudo, determinados livros que lemos sem interesse ou compromisso, e talvez a leitura deles não faça muita diferença para aqueles que os leem; outros exigem que os engulamos para degustá-los melhor, absorvermos a mensagem transmitida; e por último aqueles considerados essências, esses devemos mastigar para obter todo o conhecimento nele existente, para que tudo possa ser desfrutado sem percas, sem lacunas. Sobre a apropriação de livros por seus leitores: Por mais que os leitores se apropriem de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa. O mundo, que é um livro, é devorado por um leitor, que é uma letra no texto do mundo; assim, cria-se uma metáfora circular para a infinitude da leitura. Somos o que lemos. (MANGUEL, 1997, p. 201). Pode-se dizer que o leitor é fruto das leituras que faz e; dos livros, ambientes, pessoas que tenta decifrar. O mundo é visto através do que se lê, de como se vê. Muitas vezes, quando, por ventura encontra-se um desconhecido que está lendo um livro que já lemos, este pode de repente parecer próximo, pois partilha da mesma leitura, assim seria possível passar horas conversando com tal indivíduo sobre determinada obra. Nessa perspectiva, os livros que se lê dizem muito sobre a personalidade, as ideias de quem os lê.

Partindo da perspectiva de que os livros são parte da vida do leitor, e que possuí-los não é como possuir outra coisa, há, assim, uma associação de livros e leitores. Manguel (1997, p. 242) afirma: “A associação de livros com seus leitores é diferente de qualquer outra entre objetos e seus usuários. [...] A simples posse de livros implica uma posição social e uma certa riqueza intelectual”. Os livros simbolizam intelectualidade; sofisticação; a posse de livros implica inteligência ao possuidor; denota atividades elevadas; é fonte de conhecimento, por isso talvez, uma arma perigosa. A presença ou ausência do livro, dá ou tira poder de um indivíduo. Durante o período colonial, por exemplo, as mulheres no Brasil não podiam

frequentar a escola, elas sabiam apenas o suficiente para administrar o lar e cuidar das crianças. A educação era oferecida aos homens e a alguns escravos, pois os últimos eram instruídos a ler para suas senhoras histórias de amor romântico, pois esse tipo de história não as instigariam a reflexão e nem ao menos davam “ideias”, uma vez que para os homens, se permitissem as mulheres lerem, elas se tornariam preguiçosas e briguentas, ou seja, críticas e, não seriam passíveis de aceitar qualquer situação imposta. Para eles, as mulheres deveriam ter conhecimento geral de vários assuntos, mas não se especializar em nenhuma área, pois tal ato causaria má impressão.

Até metade do século XIX os escravos estavam numa situação pior que a das mulheres, pois eles eram proibidos de aprender a ler e, caso fossem pegos tentando, eram severamente castigados, torturados e, se fossem surpreendidos ensinando outros escravos a soletrar, poderiam ser mortos. Seus donos (ditadores, tiranos, monarcas absolutos, e outros detentores ilícitos do poder) sabiam que uma multidão analfabeta seria dominada com facilidade, porém uma alfabetizada, repleta de leitores, não seria possível dominar, pois a palavra escrita é poderosa, a leitura tem força e sabendo ler os escravos poderiam ter acesso a um dos instrumentos poderosos de seus opressores: o livro. Dado o contato com o livro e a aquisição da leitura, mentes se revolucionariam.

Publicado em 1953 na Inglaterra, o livro *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury retrata como seria uma sociedade sem livros, uma vez que as pessoas seriam proibidas de ler na obra citada, pois de acordo com o governo, as histórias contidas nos livros fazem os indivíduos tristes e pode torna-los antissociais. A narrativa demonstra que tudo é controlado e as pessoas só têm conhecimento dos fatos por aparelhos de televisão instalados em suas casas ou em praças públicas. Bombeiros são profissionais responsáveis pelo extermínio dos livros, queimados quando encontrados. A única maneira de salvar as obras é por meio de peripatéticos (aquele que se ensina passeando, segundo a filosofia de Aristóteles), que imortalizam determinada história, guardando-as na mente e no coração, e então passam a ser reconhecidos pelo nome da obra que salvam. Na verdade, a obra de Bradbury trata de uma sociedade opressiva, comandada por um governo totalitário do mundo pós-guerra. Considerado um clássico da literatura, *Fahrenheit 451* foi adaptado para o cinema em 1966 pelo diretor François Truffaut, que lançou o filme de mesmo nome do livro estrelado por Oskar Werner (Guy Montag) e Julie Christie (Clarisse), protagonistas da trama. É por meio desses personagens que é possível perceber que uma das mensagens do filme é que o conhecimento se revela através da leitura, sendo a mesma imprescindível ao homem.

Há muitas obras publicadas sobre a leitura e sua relevância na vida humana e, por sua vez, filmes produzidos nessa perspectiva. No filme “Clube de Leitores de Jane Austen” há um grupo de seis pessoas, cinco mulheres e um homem, reunidos pelo mesmo motivo: a leitura seis obras de Jane Austen, estas que retratam histórias de amor, paixão, orgulho, preconceito, persuasão, razão, sensibilidade, amizade. A cada mês um livro é lido e comentado. A escolha do livro a ser lido no mês é em comum acordo com o momento vivido por cada um dos integrantes, afinal a intenção é ajudar, transformar vidas. A cada livro, descobertas, transformações e desse modo, vidas mudam. Lê-se para recomendar, para ajudar e também para questionar.

De acordo com Martins (1990, p. 24-25), a leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo. Desse modo, é possível ter uma postura crítica, apontar alternativas, permite perceber diferenças e semelhanças entre sociedades diversas, culturas variadas, a fantasia é estimulada e a percepção da realidade ativada. A visão de mundo se modifica quando ampliamos nossa noção de leitura.

A autora sintetiza inúmeras concepções de leitura em duas caracterizações: 1. Como uma decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta; 2. Como um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como naturais, econômicos e políticos. As duas caracterizações procedem e são necessárias, uma vez que se não há decodificação, não há compreensão, se não reconhecemos os signos linguísticos, não identificamos as palavras e sentenças de um texto, não podemos fazer inferências, interpretações e nem ao menos dar sentido ao texto lido, pois a ausência de um impossibilita a realização plena do outro. E no caso da compreensão, um texto não pode ser compreendido sem antes ser decodificado. O leitor é que dá sentido ao texto, este último depende da situação do texto e do leitor. Afinal, as circunstâncias pessoais influem na nossa leitura. Jouve (2002, p. 65) diz que “o texto, em geral, contenta-se em dar indícios; é ao leitor que cabe construir o sentido global da obra”. Dessa maneira o leitor infere sobre o sentido geral da obra, levando em consideração as intervenções do narrador e a construção geral do texto. Num texto literário, por exemplo, o leitor constitui a sequência de eventos que não são revelados textualmente, para isso é preciso fundamentar-se na lógica das ações. A leitura, neste caso mais específico, depende das

inferências realizadas pelo leitor. Atentar para alguns detalhes, como o significado do nome dos personagens principais, o título do livro, o ambiente, o tempo em que o enredo se desenvolve, auxilia na interpretação e, é, assim, requisito básico para a leitura desse tipo de texto.

Considerações Finais

Todos os leitores tem uma bagagem sócio cognitiva, pois possuem experiência de mundo, conhecimentos da nossa língua e das coisas ao nosso redor. A leitura possibilita que mudanças aconteçam o tempo todo por causa do poder que lhe é atribuído. Realizar leituras é a base da transformação. Ler um livro literário, de receitas, instruções de uso de algum aparelho eletrônico, como por exemplo, um *tablet*, a mais atual sensação do século XXI, ou ainda a leitura de informações contidas nas embalagens dos alimentos que compramos no supermercado, ou mais comumente dos produtos que compramos na Internet, pois, talvez em poucos anos, passaremos a comprar na Internet quase tudo o que necessitarmos para sobreviver, ou seja, para manter-nos menos ocupados. Essa é nossa leitura do mercado dos dias atuais, tudo se lê: a roupa, a casa, os gestos, o comportamento, as imagens, a natureza, a voz, o lixo que voa na rua fora das lixeiras, a falta de depósitos de lixo, os aparelhos eletrodomésticos e também os eletrônicos... Ao ler um texto tendemos a fazer associações com leituras anteriores, pois a cada leitura, novas estratégias são adotadas e utilizadas de acordo com nossa necessidade leitora.

No entanto, muitas vezes se aprende a ler por aprender. Não se pergunta o porquê, como e nem para quê, o que impossibilita a compreensão da real função da leitura na vida do indivíduo e da sociedade, que é questionar, ver o mundo com um olhar crítico, adquirir conhecimento. Ler para os antigos significava privilégio, era luxo, sinônimo de que estavam preparados, tinham base de uma educação adequada para a vida. No Brasil, o processo de alfabetização usado por muito tempo consistia nos seguintes passos: decorar o alfabeto, soletrar e por fim, decodificar palavras isoladas até realizar a leitura contínua de textos mais complexos. Essa é uma prática formalista e mecânica, que ainda é usada por muitos professores e em muitas escolas nos dias atuais. O processo mais recente de alfabetização é partir do todo, quer dizer, do texto à palavra, o aluno tem acesso ao texto contínuo e a partir disso inicia seu aprendizado, o que poderíamos chamar de *top-down*, ou seja, vai do geral ao específico. Nenhum método ou processo de aquisição a leitura garante ao indivíduo se tornar um leitor proficiente, pois a maioria dos que aprendem a ler, leem por fins pragmáticos, por

necessidade, embora saibam, mas não sejam conscientes, da conquista de autonomia e interação com o mundo que é permitido por meio da leitura.

A leitura se constitui um direito incompressível, que não deve ser negado, faz-se necessária ao ser humano, uma vez que contribui para sua formação individual e intelectual.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marcia (org.). **Leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo 10º Cole.** Campinas: São Paulo, Mercado de Letras, 1995.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola, 2003.

_____ **Língua, texto e ensino: outra e escola possível.** São Paulo: Parábola, 2009.

ARAÚJO, Miguel Leocádio. ARISTIDES, Jaquelânia. DA SILVA, Maria Valdênia. PINHEIRO, Helder. **Literatura e formação de leitores.** Campina Grande: Bagagem, 2008.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua.** Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

CÂNDIDO, Antônio. **O direito à literatura.** In *Vários escritos*. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

COSSON, Rildo. MACIEL, Francisca e PAIVA, Aparecida (coord.). **Literatura: ensino fundamental.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

COMPAGNON, Antonie. **O demônio da teoria: literatura e senso comum.** Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte, Editora: UFMG, 1999.

FAGUET, Émile. **A Arte de ler.** Tradução Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.

_____ **A importância do ato de ler.** 42ª edição. São Paulo, Cortez, 2001.

GUERREIRO, Carmen. **O novo formador** in *Revista Língua Portuguesa- Educação*. Ano 16 – nº 181.

JOUVE, Vicent. **A leitura**. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 12ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução de Pedro Maia Soares- São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NUTTALL, Christine. **Teaching reading skills in a foreign language**, (3rd ed.). Oxford: MacMillan - 2005.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A leitura e os leitores**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1998.

SANTOS, Luís Alberto Brandão. OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: uma introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WILSON, John Burgess. **English literature**. 10 ed. Londres: Longman, 1970.